



Análise de Cobertura Jornalística: Discussão Sobre a Abordagem de Pesquisa da Narrativa de Mulheres em *Retratos de Vida*¹

Lúcia LONER COUTINHO²

Helena L. DEDECEK GERTZ³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

RESUMO

Este trabalho faz parte do projeto “A Visibilidade da Vida Ordinária de Mulheres Destituídas na Mídia”, coordenado pela professora Dra. Ana Carolina Escosteguy, que busca entender o que a exposição na mídia de histórias de vida de mulheres de classes de trabalhadoras braçais e/ou sem necessidade de instrução formal está produzindo em termos de identificação feminina. Neste texto, estudamos a apresentação de mulheres de classes destituídas na seção *Retratos de Vida* do jornal porto-alegrense Diário Gaúcho e discutimos nossa metodologia de análise do *corpus* de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Estudos Culturais; Retratos de Vida; Diário Gaúcho.

TEXTO DO TRABALHO

Neste artigo trataremos da forma de abordagem e análise das narrativas publicadas na seção *Retratos de Vida*, do jornal Diário Gaúcho. Inicialmente será feita uma apresentação do *corpus* de pesquisa e dos conceitos à luz dos quais nos orientamos. Em seguida, será discutida a metodologia de análise destas narrativas com base no protocolo de Análise de Cobertura Jornalística, desenvolvido por Silva e Maia (2011), em diálogo com os cinco pontos de análise de Finnegan (2002). Por fim, apresentaremos alguns resultados desta análise. Nosso *corpus* de análise é composto por 36 narrativas de histórias pessoais retirados da seção *Retratos de Vida*, do jornal Diário Gaúcho, no período entre outubro de 2010 e julho de 2012. Estes 36 textos publicados no espaço de tempo de um ano e oito meses correspondem apenas às narrativas de personagens femininos da seção do jornal. Este trabalho faz parte do projeto “A Visibilidade da Vida Ordinária de Mulheres Destituídas na Mídia” que tem por

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da PUCRS. Email: lucialoner@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 8º Semestre do curso de Jornalismo da PUCRS. Email: helenagertz@outlook.com



objetivos entender o que a exposição na mídia de histórias de vida de mulheres destituídas, ou seja, de classes de trabalhadores braçais e/ou que exercem trabalhos que não exigem qualificação formal, está produzindo em termos de identidade feminina nesta mesma classe⁴.

Neste trabalho abordamos a metodologia utilizada na análise da seção *Retratos de Vida* no Jornal *Diário Gaúcho*, que traz histórias pessoais de mulheres e homens, como parte de um projeto de pesquisa que visa investigar as representações midiáticas das vidas das mulheres destituídas. Para tanto foi utilizado o protocolo de pesquisa sugerido por Silva e Maia (2011) que propõe a necessidade de uma forma de análise específica para o jornalismo impresso. Neste trabalho discutimos a aplicação e a finalidade do uso deste protocolo no projeto e também adaptações e/ou acréscimos aos quesitos apontados por Silva e Maia que julgamos necessário para contemplar áreas essenciais para nossa pesquisa, por exemplo, a visão de mundo da jornalista responsável pelo texto e seu modo de apuração.

Para entendermos a escolha deste modelo de protocolo de análise, se faz necessário, primeiramente, apresentar nosso estudo. Nosso *corpus* de pesquisa é composto por 36 textos midiáticos, chamados de narrativas pessoais midiáticas (ESCOSTEGUY, 2011) retirados da seção acima mencionada do jornal *Diário Gaúcho*, pertencente ao Grupo RBS. Os *Retratos de Vida* trazem narrativas, classificadas pelo veículo como perfis, de homens e mulheres pertencentes, em sua maioria, às classes C, D e E, identificadas como público alvo do jornal. Estes textos trazem histórias de pontos específicos na vida destas pessoas ou contam, resumidamente, em três ou quatro colunas escritas e também através de fotos (algumas posadas para um fotógrafo do jornal, outras de arquivo pessoal), a trajetória de vida delas. No nosso caso, iremos nos ater apenas aos textos que fazem referência a personagens femininos para compor um painel sobre a visibilidade que a vida ordinária – tendo aqui o sentido de comum, cotidiana – de mulheres da classe trabalhadora adquiriu na mídia. A análise dos *Retratos de Vida* está inscrita em um projeto que investiga narrativas midiáticas de mulheres de classes

⁴ A coordenação do projeto é da professora Dra. Ana Carolina Escosteguy. Fazem parte da equipe de pesquisa de 2012: Me. Lírán Sifuentes, Me. Lúcia Loner Coutinho, Me. Bruna Rocha Silveira, Me. Laura Wottrich e Helena L. Dedeczek Gertz.



populares⁵. Com este estudo, pretendemos a) identificar o que determinadas representações, postas em circulação nos textos midiáticos selecionados, dizem das diferenças sociais e de gênero, existentes na sociedade brasileira contemporânea e b) descrever o que essas mesmas representações estão produzindo em termos de formação de identidades femininas junto a um grupo social específico.

O conceito que entendemos de classe social é extraído de Figueiredo Santos (2009) e foca-se na questão do trabalho, compreendendo que as mulheres às quais nossa pesquisa é focada pertencem a classes que não têm domínio sobre os recursos produtores de valor e ocupam posições desprivilegiadas no mercado de trabalho ou estão excluídas dele. Dentro da estrutura social que colocamos como classes populares estão incluídos trabalhadores braçais, empregados domésticos, trabalhadores que não dispõem de local de trabalho fixo. Assim, este quadro traduz ocupações que não necessariamente precisam de qualificação formal para serem exercidas e, por consequência, são socialmente menos reconhecidas. Embora este quadro esteja relacionado com questões de renda, já que estas posições de trabalho, geralmente, não são bem remuneradas, o entendimento de classe social não está restrito ao fator econômico. Então, para definirmos classe social, aqui contamos também com uma lógica simbólica que se efetiva por meio de símbolos e representações e repercute na vida social e emocional.

É necessário ressaltar que nossa pesquisa tem como referência uma matriz de pesquisa social crítica dos Estudos Culturais. Tal perspectiva assume como norte teórico uma concepção cultural do jornalismo onde seu produto final vincula-se à sociedade e esta a ele. Em relação aos registros midiáticos e as representações que o jornalismo coloca em circulação, entendemos que ele colabora no processo de constituição dos sujeitos e produz identidades particulares. “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (WOODWARD, 2000, p. 17). Desse modo, a partir do momento que adotamos certas posições, construídas a partir dessas significações, “nossas identidades” vão sendo formadas. Portanto, as representações desempenham um papel central quando postas em circulação, pois organizam e regulam as mais diversas práticas sociais.

5 Neste trabalho não iremos discutir esta terminologia, tal discussão pode ser encontrada em ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SIFUENTES, Lírian. As relações de classe e gênero no contexto de práticas orientadas pela mídia: apontamentos teóricos. Revista e-compós, vol. 14, n 2, p. 1-13, 2011.



Feita esta introdução ao objeto da pesquisa e ao norte teórico no qual nos baseamos, passamos à discussão do protocolo de análise de cobertura jornalística sugerido por Silva e Maia (2011).

Um método de pesquisa para jornalismo

O projeto “A Visibilidade da Vida Ordinária de Mulheres Destituídas na Mídia” está em andamento desde 2011. Antes da análise dos *Retratos de Vida*, outros estudos já haviam sido conduzidos no âmbito do projeto. Em etapas anteriores, foram guiadas entrevistas qualitativas com mulheres das classe para identificar como elas contam suas histórias fora de um contexto midiático. Em seguida, foram analisados conjuntos de narrativas retiradas do jornal *Zero Hora* (diário de circulação regional, também pertencente ao Grupo RBS), em maio de 2008, e da revista mensal de circulação nacional *Claudia*, em maio de 2011, nas quais as protagonistas das histórias são denominadas “mães coragem”. Pretendemos com isso saber o que a visibilidade da vida ordinária de mulheres de posições sociais destituídas na mídia está produzindo em termos de identidade feminina na mesma classe social. Entendemos que essas representações midiáticas dos desprivilegiados não são homogêneas, ou seja, embora os modos de representar esse “outro” estejam com frequência associados à violência e podem até mesmo contribuir para naturalizar uma forma de ver “o pobre”, a “miséria”, esses mesmos sujeitos e lugares onde vivem também têm sido vistos através de características mais positivas.

Assim, como nos baseamos em análises de entrevistas qualitativas com mulheres das classes mencionadas e no estudo da apresentação de narrativas das mesmas pela mídia, esta proposta necessariamente articula dois vieses: de um lado, o teórico onde se pretende aprofundar a articulação dos termos-chave “cultura”, “mídia”, “classe”, “gênero” e “identidade”, e, de outro, o viés empírico, desenvolvendo, fundamentalmente, análises de casos que examinarão as características desse fenômeno no Brasil através de produções midiáticas contemporâneas e o que elas podem estar produzindo em termos de constituição de identidades de gênero.

Nossa análise parte, portanto, do entrecruzamento de duas categorias: posição de classe e gênero. Entendemos que a noção de classes destituídas associada às relações de gênero configuram determinadas práticas sociais e culturais, um conjunto de valores imateriais, ou seja, práticas sociais. Nosso objetivo é entender o que a exposição na



mídia de histórias de vida comuns de mulheres destas posições sociais destituídas está produzindo em termos de identidade feminina. Para tanto, numa primeira etapa do projeto de 2012, foram feitas entrevistas com mulheres pertencentes à classe especificada, como manicures, costureiras e empregadas domésticas. Para a escolha das entrevistadas, foi usado o critério de que elas fossem identificadas como trabalhadoras braçais ou que ocupassem postos que não exigissem qualificação formal. Em um segundo momento, partimos para a análise da reprodução destas realidades pela mídia e, para tanto, escolhemos a seção *Retratos de Vida*, do jornal *Diário Gaúcho*, devido à nossa proximidade geográfica com a fonte e à especificidade do conteúdo das narrativas desta parte da publicação.

O método proposto por Silva e Maia “ajuda a pensar, a identificar e a tipificar as especificidades da atividade jornalística, mapeando tendências e possíveis lacunas na obtenção, averiguação e apresentação das informações” (2011, p. 26). A escolha desta forma de análise permite observar possíveis transformações na cobertura de um tema ao longo do tempo, porque possibilita enfatizar o contexto histórico-social-cultural. O sistema de análise desenvolvido pelas autoras é dividido em três níveis que abordam diferentes aspectos de produção: (1) Marcas de apuração, (2) Marcas de composição do produto e (3) Aspectos do contexto de produção. O primeiro nível “recai exclusivamente sobre a matéria jornalística – tomada de forma isolada –, explorando indícios do método de apuração e da estratégia de cobertura em *close-up*” (Idem, p. 27). No segundo procura-se uma visão mais ampla do objeto, enfocando não somente o texto, mas o conjunto amplo do jornal (Ibidem). Finalmente, o nível três trata dos aspectos contextuais e organizacionais da publicação. Em detalhes:

O nível 1º (marcas da apuração) “recai exclusivamente sobre a matéria jornalística – tomada de forma isolada –, explorando indícios do método de apuração e da estratégia de cobertura em *close-up*” (SILVA, MAIA, 2011, p. 27). Nele deve-se observar (1) assinatura: local; correspondente; enviado especial, colaborador; agência de notícias; não assinada. (2) local de apuração: *in loco* ou não; (3) origem da informação: natureza da fonte (humana, documental, eletrônica) e sua posição, observando-se (a) informações de primeira mão: poder público, institucionais, cidadãos, especialistas, assessoria de imprensa e fontes não-convencionais; (b) informações de segunda mão: agência de notícias, outros veículos jornalísticos, publicações científicas, documentos impressos e eletrônicos, internet.



No segundo nível (marcas da composição do produto), que “oferece uma visão um pouco mais aberta do objeto, agora enfocando não só o texto, mas o conjunto amplo do produto, como localização na página, diagramação, foto etc.” (Ibidem, p. 27), se observa, (1) Gênero jornalístico: nota; notícia; matéria; fotonotícia; entrevista; reportagem; reportagem especial. (2) Localização do texto no veículo/destaque: página par ou ímpar; quadrante superior ou inferior, direito ou esquerdo; página inteira; mais de uma página; editoria; manchete; chamada de capa; apenas texto. (3) Recursos gráfico-visuais: fotografia; gráfico ou tabela; boxe; infográfico; ilustração ou montagem.

Por fim, no nível 3º (aspectos do contexto da publicação), que “não capta detalhes, mas oferece um plano geral do objeto, captando aspectos da dimensão organizacional e do contexto sócio-históricocultural em que se insere a produção jornalística” (Ibidem, p. 27), serão analisadas as seguintes características: (1) Contexto interno: caracterização visual, editorial e organizacional do veículo/empresa; orientações editoriais; tiragem; área de abrangência; público alvo; estrutura de produção própria; formato do produto. (2) Contexto externo: caracterização do tema/fato/assunto específico da cobertura e da conjuntura sócio-histórico-cultural que o envolvem.

Atendendo a estes pontos, espera-se que a investigação seja capaz de revelar as marcas de produção deixadas na narrativa e compreender como o produto final representa, traduz uma realidade. Identificamos que, para responder a aspectos como “apuração in loco” ou “fonte da notícia”, era necessário buscar informações com os responsáveis pela produção dos perfis. Partimos então para o desenvolvimento de uma forma de ampliar a abordagem proposta pela Análise de Cobertura Jornalística e incluímos no protocolo a entrevista com as duas principais repórteres responsáveis pela seção, as jornalistas Amanda Munhoz e Denise Waskow⁶. O objetivo da entrevista com Munhoz e Waskow é desvelar políticas e situações editoriais da empresa e da investigação, e complementar o protocolo de pesquisa com dados sobre a situação de produção das narrativas. Percebemos que as marcas de produção deixadas no produto, ou seja, traços presentes no texto final que sugerem como a notícia foi apurada podem ser modificados de acordo com a subjetividade do jornalista que o produz quanto conforme uma possível editoração – a obrigatoriedade de seguir determinadas regras de um manual de redação, por exemplo.

⁶ Outras duas autoras da seção também foram identificadas, mas estas com significativamente menos textos publicados, estas, portanto, não foram entrevistadas.



Levando em conta estes pontos compomos um roteiro de entrevista a ser conduzido com as repórteres que abordava aspectos pessoais, como formação profissional, e dados relacionados à rotina da redação, como era feita a edição antes da publicação do texto, se as entrevistas eram feitas *in loco* ou se apenas um fotógrafo é deslocado e a entrevista para o perfil é feita por telefone e de que forma se chega às fontes. Por meio das respostas a estas questões, entendemos traços importantes que não seriam identificáveis apenas através da análise da narrativa. Estes dados nos permitiram entender que a as entrevistas com mulheres perfiladas é feita *in loco*, ou seja, a jornalista vai até a entrevistada para ouvi-la e, assim, se aproxima de sua realidade o que a permite melhor narrá-la.

Também descobrimos que a principal fonte de personagens para os perfis são indicações de pessoas próximas ao perfilado. Estes amigos ou familiares entram em contato com a redação do *Diário Gaúcho* e contam a história de alguém que julgam ser interessante para a seção *Retratos de Vida*. Após esta primeira etapa, a repórter liga para o possível perfilado e faz uma sondagem sobre sua trajetória de vida. Se a história é considerada interessante, com potencial de despertar empatia no leitor - uma luta, como a mãe que aprendeu libras para se comunicar com seu filho deficiente, uma pessoa que desperta simpatia, como a senhora que tem o objetivo de manter a família unida, um gosto que foge do padrão pré-concebido, como a senhora de 61 anos que é fã de música *heavy metal*, ou alguém que venceu preconceitos, como uma brigadiana, uma técnica em elevadores e uma mulher que gerencia uma barbearia - a repórter parte, acompanhada de um fotógrafo, para a entrevista *in loco* na casa ou no local de trabalho da entrevistada, conforme o enfoque dado a matéria. Segundo relatam as jornalistas, a seção é importante para o jornal, pois serve como uma forma de aproximação e fidelização com seu público. Ambas afirmam que, após a publicação, muitos dos perfilados agradecem por terem sido escolhidos. Elas também revelaram que, anteriormente, até final de 2010, o estilo de redação para estes perfis era determinado pelo chefe de reportagem. Segundo elas, se tratava de uma narrativa linear, que iniciava com o ponto mais importante no passado, não necessariamente no nascimento ou na infância, chegava aos revezes da vida (o obstáculo), passava pelo ponto de virada e terminava na situação atual na qual a perfilada se encontra feliz e realizada. Em 2011, com a mudança na chefia, foi permitido que os *Retratos de Vida* fossem escritos conforme o gosto das autoras. Munhoz cita como exemplo um texto escrito em forma de trova gauchesca porque o estilo fazia referência a uma das características do perfilado.



A condução destas duas entrevistas com as jornalistas responsáveis pela seção nos permitiu responder às questões do nível três do protocolo de análise, dos contextos interno e externo de produção, e do nível dois, no quesito de apuração *in loco*. No entanto, percebemos a Análise de Cobertura Jornalística não permitia uma interpretação aprofundada da narrativa em si, do texto. Para tanto, recorremos às questões propostas por Finnegan (2002) para observar o desenrolar de uma narrativa.

Para exemplificar melhor a necessidade da complementação do protocolo de Silva e Maia, podemos citar que, ao cruzar dados da Análise de Cobertura Jornalística com as repostas das repórteres, percebemos que o espaço destinado ao perfil reduz a possibilidade de aprofundamento da trajetória de vida da mulher representada nos *Retratos de Vida*. O uso de recursos gráficos e fotos, uma ou duas grandes ou várias menores, na página única destinada à seção é um dos motivos pelo qual o espaço do texto é reduzido. É claro que isto se deve a uma decisão editorial, e não das jornalistas, que entende que o público leitor do *Diário Gaúcho* o lê em deslocamentos, no ônibus, por exemplo, e, portanto, não teria muito tempo para ler um perfil de fôlego. Esta análise só foi possível devido à adição do depoimento das jornalistas ao protocolo de análise de cobertura.

De forma a complementar o protocolo de Silva e Maia, mais especificamente no segundo nível proposto pelas autoras, as marcas de composição do objeto em análise, utilizamos também uma perspectiva trazida por Finnegan (2002) na qual a autora levanta cinco pontos a serem observados quando da análise de narrativas pessoais. Devido à forma em que os *Retratos de Vida* são escritos, um destes pontos – no qual se busca identificar em que pessoa gramatical a narrativa foi contada – não se mostrou passível de ser utilizado, e foi, portanto, retirado. Os quatro pontos restantes sugeridos por Finnegan são, 1) qual o ponto (fato, ocorrência) que dá início a narrativa? 2) qual o fio condutor da narrativa? O que nos trouxe também a oportunidade de observar qual o valor social associado a mesma; 3) qual o papel do protagonista quanto aos revezes da vida? 4) em que tempo verbal tal narrativa é contada e ela é ou não narrada de forma linear. Tais questionamentos nos ajudaram a ter uma compreensão maior sobre as informações contidas nos relatos, como por exemplo, o que motiva as histórias contadas, ou mais especificamente, quais os pontos em comum fazem a história de vida das perfiladas serem passíveis de ser produto jornalístico.

Resultados



Um ponto comum identificado na maioria das histórias é como ela é contada: uma trajetória de vida difícil, com problemas financeiros, pessoais e físicos, um ponto de virada e a vida cotidiana de alguém que venceu os revezes da vida, como na história de Tânia Almeida (Diário Gaúcho, 25/26 de fevereiro de 2012) que, aos 62 anos, mesmo depois de ter sofrido três AVCs e se locomover com auxílio de uma cadeira de rodas ainda desfila no carnaval de Porto Alegre. Observamos que este *roteiro* de narrativa é parecido com o de novelas – uma vida ou uma questão difícil a ser resolvida, uma personagem que luta por seus objetivos e os alcança, como Maria Zaira Padilha (Diário Gaúcho, 3/4 de setembro de 2011) que precisava perder peso e conseguiu, uma virada na vida, por exemplo, a história de uma profissional da saúde que adotou uma criança órfã que chegou a seus cuidados no hospital (Diário Gaúcho, 7/8 de julho de 2012), uma trajetória feliz, como a história de Walquíria Korb (Diário Gaúcho, 7/8 de abril de 2012) que mantém a tradição de família de pintar ovos de páscoa, – e que, apesar destes perfis serem permeados por referências à família, em apenas dois foi identificado a participação direta, na forma de declarações diretas, de outras pessoas que não a entrevistada principal. São eles os perfis de Mariana Sanches Cardoso (Diário Gaúcho, 6/7 de agosto de 2011) e Jaqueline Almeida Martins (Diário Gaúcho, 25/26 de julho de 2011).

A análise do *corpus* de pesquisa atual mostra que os textos publicados na seção abrangem principalmente dramas existenciais, como no caso de Judith Machado Nunes (Diário Gaúcho, 16/17 de julho de 2011) que, aos 72 anos, pensou que queria dar um novo rumo à vida e saiu da casa onde morava com a filha e os netos e recomeçou a estudar, familiares, profissionais e morais. Muitas vezes, as mulheres são apresentadas como heroínas, que tiveram uma trajetória difícil, mas venceram seus problemas e hoje levam uma vida feliz, apesar dos revezes. Privilegiando o ponto de vista do sujeito na narrativa, a mídia se torna assim um meio de construção de realidade, de representação de um gênero, o feminino, dentro de uma classe, C, D ou E, o público ao qual o jornal se destina. A análise das narrativas leva em conta a perspectiva que abrange, além da representação, a vinculação ao emocional e ao sensível ligando o jornalismo à vida privada, centrada em histórias de vida e experiências vividas.

O acréscimo dos pontos de análise de Finnegan nos permite observar a característica da narrativa dos *Retratos de Vida* de apresentar a perfilada como alguém que venceu um obstáculo, como uma heroína. Como no exemplo do perfil da dona de casa Judith Machado Nunes (DIÁRIO GAÚCHO, 16 de julho de 2011) cujo fio



condutor é a sua vivência familiar que culmina com a saída de casa e o retorno aos estudos, o que imprime uma característica de busca por independência da perfilada. Quanto aos revezes da vida, o texto conta sobre as dificuldades financeiras da família, o que a levou a interromper os estudos, e a luta contra um problema de saúde em decorrência de um aneurisma cerebral. A atitude de Judith perante as dificuldades, como relata o texto de Amanda Munhoz, é de superar os obstáculos vendo-os por uma nova perspectiva.

Este exemplo nos leva à discussão da adaptação do uso do protocolo proposto por Silva e Maia. Os aspectos referidos acima só puderam ser identificados com a inclusão dos pontos de análise de Finnegan, já que os três níveis da Análise de Cobertura Jornalística não fazem referência a uma interpretação profunda do conteúdo do texto. A contextualização externa, conforme proposta no item dois do nível de análise três de Silva e Maia, permite a elaboração de um resumo da história, no entanto não diz respeito à interpretação da narrativa. Desta forma, ao responder as perguntas postas por Finnegan foi possível chegar àquilo que se pressupõe que a jornalista autora do texto entendeu e quis reproduzir sobre a história de vida de sua entrevistada. Por exemplo, no caso da dona de casa Judith Machado Nunes, ao nos atermos à observação da narração sobre a atitude da perfilada ante os revezes de sua vida, identificamos que ela seria uma pessoa determinada a vencer os obstáculos em busca de independência.

O protocolo de análise de Silva e Maia coube para nossa análise quanto ao que diz respeito aos recursos gráficos presentes na página do perfil. A apresentação visual também compõe a narrativa. Por exemplo, no caso do texto sobre Adernice Davi (Diário Gaúcho, 11/12 de dezembro de 2010), uma mulher de 62 anos que tinha a visão comprometida até passar por uma cirurgia. É o único *Retrato de Vida*, publicado no espaço de tempo no qual buscamos nosso *corpus*, que é diagramado em uma página e meia. A página esquerda apresenta apenas fotos da perfilada lendo e escrevendo e acompanhada da família, além de três fotos destacadas de seus olhos. A partir desta primeira impressão associada à leitura e interpretação do texto – primeiro se percebe as fotos e depois se parte para o texto -, podemos concluir que o destaque da narrativa é o obstáculo da cegueira que não impediu a entrevistada de estudar e formar uma família.

Metodologicamente, o uso do protocolo sugerido por Silva e Maia abre um caminho para pensar a produção jornalística de forma mais ampla. Observando o contexto de produção e o entorno da matéria jornalística, nos foi possível chegar a informações importantes, como aquelas trazidas com as entrevistas às repórteres



responsáveis pela seção *Retratos de Vida*, o que nos possibilitou preencher adequadamente tal formulário. É importante, no entanto ter em mente o viés instrumental de tal protocolo, o que significa que este de ser um caminho que leve a reflexão sobre o objeto analisado, e não um fim em si mesmo. Para isto a utilização das questões propostas por Finnegan também se tornaram indispensáveis, pois tal exercício nos proporcionou, por exemplo, identificar a motivação ou o interesse em contar aquela história, sejam elas de superação, como no caso de Jaqueline Almeida Martins (Diário Gaúcho, 25/26 de junho de 2011) que conseguiu emagrecer, generosidade, como no exemplo de Fernanda Menna Barreto Krum (Diário Gaúcho, 9/10 de julho de 2011) que faz trabalho voluntário internacional, ou pelo inusitado, como relatado no perfil de Gabriela Irigaray (Diário Gaúcho, 29/30 de outubro de 2011) que ensina magia natural em três cidades do Rio Grande do Sul.

Este processo entra como parte de uma discussão sobre que tipo de histórias são contadas sobre mulheres de classes populares na mídia, e podemos ver em outras partes de nossa pesquisa, como estas refletem na própria maneira em que estas mulheres se veem, e contam suas próprias histórias. Os *Retratos de Vida* integram-se a esta proposta, que tem sido utilizada pela mídia nos anos recentes, a construção de narrativas de superação e exemplos de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Narrativas pessoais midiaticizadas: uma proposta para o estudo de práticas orientadas pela mídia*. Revista Famecos, v. 18, n. 1, p. 198-211, Porto Alegre, 2011.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SIFUENTES, Lírian. *As relações de classe e gênero no contexto de práticas orientadas pela mídia: apontamentos teóricos*. Revista e-compós, vol. 14, n 2, p. 1-13, 2011.

FIGUEIREDO SANTOS, José Alcides. *Posições de classe destituídas no Brasil*. In: SOUZA, Jessé (org.). *A ralé brasileira – Quem é e como vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2009

FINNEGAN, Ruth. *Communicating: The multiple modes of human interconnection*. Londres: Routledge, 2002

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Gislene. MAIA, Flávia Dourado. *Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico*. Revista Rumores, edição 10, ano 5, p. 18- 36. São Paulo, 2011.